

**O ENTRAVE SOCIAL AO MESTIÇO EM
O MULATO (DE ALUÍSIO AZEVEDO) E EM
PORTAGEM (DE ORLANDO MENDES)**

LUZIA GARCIA DO NASCIMENTO NAVAS-TORÍBIO
(UFMA)

Na literatura afro-brasileira há autores que se preocupam em apontar as dificuldades que negros e mulatos encontram dentro de uma sociedade dita branca.

Algumas obras literárias enfocam o mulato sob diferentes ângulos como é o caso do romance moçambicano **Portagem**¹, e do romance brasileiro **O Mulato**² os quais serão o objeto deste estudo.

Orlando Mendes, em **Portagem**, focaliza o mulato desdenhado por brancos e negros pelo fato de não apresentar linhagem pura, sendo, pois, resultante da mistura de duas raças, trazendo em si o estigma da miscigenação.

O enfoque apresentado por Mendes é inusitado se comparado aos textos de literatura brasileira nos quais o mulato surge em escala de valores sociais como elemento intermediário às duas raças. No Brasil, a literatura aponta esse preconceito baseado na pigmentação da pele o qual decresce à medida que se refere a mulatos mais claros, à proporção que aumenta ao se tratar de mulatos mais escuros, ou pardos; logo a discriminação existe em função de uma gradação da cor negra para a branca, fato que torna relevante o chamado "embranquecimento da cor negra".

Na literatura brasileira é bastante sintomático o enfoque que Aluísio Azevedo dedica ao preconceito racial no romance **O Mulato**. Esse livro sofreu repressão por dois motivos fortes que explora, seja através da denúncia social de uma província, seja o trazer à baila o corrupto clero da mesma, ou seja de São Luís do Maranhão.

Façamos pois um estudo comparativo entre as obras **Portagem** e **O Mulato**. A análise pauta-se em um paralelo entre os protagonistas de ambas histórias em que a temática é a mesma: preconceito sócio-racial.

Para tanto há que se recorrer concomitantemente aos dois romances para que o confronto seja melhor visualizado. O estudo gira ao redor do mistério que envolve a origem dos dois protagonistas que apresentam coisas em comum, como é o caso da paixão correspondida pela mulher branca, as quais são parentes dos referidos mulatos. Há que se verificar, pois, como esta colocação é feita nos dois livros.

João Xilim, protagonista do romance **Portagem**, é mais uma vítima do preconceito racial existente na África. Marcado pelo estigma preconceituoso de raça, revolta-se quando, quase adulto, se descobre filho ilegítimo de um branco. Até então ele tinha alguma dúvida pois notara que sua pele era menos negra que a dos outros, mas acreditava-se filho de dois negros. Kati casada com Uhulamo. Porém, surge uma suspeita quando

se apercebera de uma realidade que viera a marcá-lo do ventre de sua mãe. Ele não era negro como a outra gente nascida em terras do Marandal. Tinha a pele mais clara que a dos negros e o cabelo mais liso. Num domingo deram-lhe licença para ir passear. Foi a casa dos pais, que lhe faltou a coragem para se dirigir a casa dos patrões. Vendo a mãe a mirar-se num espelho novo, teve a curiosidade de se mirar também. Surpreendido, interrogou Kati:

- Por que eu não sou preto como toda a gente?

A mãe tartamudeou mas depois falou firme:

-- Tu nasceu mais claro porque nasceu numa noite de lua grande. Mas tu és negro como tua mãe e teu pai.

João Xilim não se convenceu com a explicação. Mas preferiu não insistir. Saiu dali para visitar a avó Alima, mais negra que o carvão que tiravam da mina de patrão Campos. (p.17)

Esta dúvida seria esclarecida num momento da revelação inesperada ao encontrar sua mãe--negra Kati-- em uma relação amorosa com o patrão branco em um matagal. A cena é a seguinte:

Aproximou-se da margem do rio onde o matagal se tornava mais denso. Correu por entre os arbustos raros, ávido de chegar à água e refrescar-se nela. Mas um insólito ruído o fez parar. Alguns metros adiante, a folhagem caída no chão rangia como se fosse pisada por gente ou

bicho. Talvez algum garoto que viera também ao rio para se banhar. Instintivamente, escondeu-se atrás de um arbusto, afastou com cuidado as trepadeiras enoveladas e espreitou. E viu numa clareira patrão Campos abraçado a uma negra. Estavam sentados de costa para ele. Quem seria aquela mulher com quem o branco da mina andava metido? A negra ria-se, patrão Campos apertava-lhe os seios e encostou-a depois para trás, até a deitar no chão. e João Xilim descobriu que a mulher que estava embrulhada com patrão Campos era a negra Kati, sua mãe. (pp.20-21)

A reação é de revolta, pois sente que sua mãe traiu a si mesma ao trair a raça negra, entregando-se a um branco; e traiu o marido, o capataz Uhulamo da mina do Marandal, de quem Xilim até então julgava-se filho. Ele, no entanto, ignora o que se passara antes de seu nascimento. O livro **Portagem** relata que o patrão Campos havia arranjado.

uma negra do Ridjalembe para dormir com ele de vez em quando. Simples entretenimento também. Continuava a não ser exigente no que respeitasse à vida amorosa. Finalmente fartou-se de fazer esperar a noiva, construiu uma casita e mandou-a vir. Mas, precisamente, então a negra ficou grávida. Complicação que não previra. Gastou algum dinheiro para passar Kati a Uhulamo e deu a este o lugar de capataz da mina. E a ambos comprou o silêncio. (p.34)

Desse amor ilícito nasce Xilim, mestiço, raça originada das relações sexuais de mulheres negras com homens brancos que saciavam sua sede de desejo carnal com mulheres de corpo sensual de traços marcantes de sua negritude. Xilim crê-se negro, embora com pele mais clara que seus companheiros.

Já o Dr. Raimundo, de **O Mulato**, é o elemento que serve ao autor para expor um romance de tese naturalista, enfocando a marginalidade do mulato na sociedade, denunciando o problema social do preconceito de cor. O mulato Raimundo é camuflado pelo autor para ocultar sua origem negra, disfarçada pelo cabelo crespo e olhos azuis.³

Raimundo e Ana Rosa apaixonam-se um pelo outro e ele decide pedi-la em casamento ao tio. O autor de **O Mulato** coloca a cena da decepção da recusa no mesmo local que havia servido de testemunha a tantas

tragédias. Ali nascera Raimundo, ali também se dera o adultério e consequente estrangulamento de D. Quitéria pelo marido, José Silva (o pai de Raimundo), ao apanhá-la em flagrante com o amante (o mau caráter Cônego Diogo); ali se dera o assassinato de Silva pelo mesmo Cônego inescrupuloso; e ali vivia, sem que Raimundo se desse conta disso, a sua mãe, a louca Domingas. O trecho da revelação da origem de Raimundo dada por Manoel Pescada, (o tio de Raimundo) é transcrito a seguir:

- Recusei-lhe a mão de minha filha, porque o senhor é ...
é filho de uma escrava...

- Eu?!

- O senhor é um homem de cor!... Infelizmente esta é a verdade...

Raimundo tornou-se lívido. Manoel prosseguiu, no fim de um silêncio:

- Já vê o amigo que não é por mim que lhe recusei Ana Rosa, mas é por tudo! A família de minha mulher sempre foi muito escrupulosa a esse respeito, e como ela é toda a sociedade do Maranhão! (pp.130-31)

Os dois romances apresentam o mulato como personagem principal, entretanto com enfoques diferentes. Segundo o grau de mestiçagem, ambos mulatos teriam que se parecer na cor, visto serem filhos de português branco com escrava negra. Os dois apresentam em comum o indagar-se a respeito da origem: Raimundo sabia apenas que era filho do branco José Dias, e João Xilim acreditava-se filho da negra Kati e do negro Uhulamo. Os dois ficam desnorteados ao descobrirem a origem, pois Raimundo somente naquele momento da revelação do tio, toma conhecimento de sua cor negra; e Xilim somente adulto também vem a saber de sua origem verdadeira, na traição de sua mãe com um branco. Embora Raimundo e Xilim descubrem ser "mulatos" há uma inversão no papel dos mesmos; enquanto Raimundo conscientemente adquire o sangue negro, Xilim, opostamente, se conscientiza de ter sangue branco.

A justificar o enfoque dado pelos dois autores quanto ao mulato claro, e ao mulato escuro há que se levar em conta o preconceito nos dois diferentes países --Brasil e Moçambique-- pois enquanto no romance moçambicano, o mulato é discriminado por brancos e por negros (pelo fato de não possuir uma raça pura), no brasileiro, o mulato claro, aproximando-se mais do branco, menos discriminação sofre.

Quanto à colocação do mulato Xilim com características marcantes do negro, faz-se devido também a um fator determinante discrimi-

natório das duas raças que o originam, porém neste caso é pelo erro de elas se misturarem, perdendo, assim, a pureza original de cada uma. Há que se ver, pois, como o mulato é discriminado pelo branco, pelo negro e pelo próprio mulato em **Portagem**.

Vejam como era o relacionamento na casa do patrão Campos, assim que Xilim é mandado servir de moleque ou seja, de babá, à menina Maria Helena:

O moleque ficou encabulado. Mas, depois, concluiu que era bom sinal rirem-se dele porque o tinham avisado de que o tratamento em casa de patrão Campos nunca deixava de ser severo. Por isso, os negritos raramente lá permaneciam mais do que poucos meses. Alguns faziam-se piores para que os mandassem embora depressa. Outros fingiam-se doentes. E a negra Rosa dizia que os moleques eram uns mandriões e não sabiam reconhecer o bom trato que ali tinham. (p.12)

Curiosamente certas personagens negras ao serem privilegiadas pelo branco, tendem a se tornarem preconceituosas em relação a outras pessoas da mesma raça.⁴ Os não-brancos agem de maneira semelhante ao branco, conforme é denunciado em **Portagem** através da negra cozinheira, Rosa (mulher cruel e defensora dos patrões que lhe delegam poderes para subjugar o negro) que judia de um mulato a mando da branca menina Maria Helena que “ficava em frente dele, vendo a negra Rosa a zurzi-lo com uma chibata.” (p.13), ou, “Mas João aparecia depois de ter sido novamente castigado pela negra Rosa” (p.14); logo a negra sentia prazer em castigar outros negros somente para agradar aos brancos.

Também a branca D. Laura não esconde sua antipatia pelos mestiços; assim se refere a Xilim: “Este moleque parece-me esperto demais. Além disso, é mulato. E não gosto nada desta raça. São mais falsos que os pretos.” (p.13)

O próprio João Xilim sente o menosprezo e se esconde:

O sol desce rapidamente para ir desaparecer na grande curva do rio e dar início a um sincopado crepúsculo. Todos os dias João Xilim vem ver o sol esconder-se no mesmo sítio. E, como o sol, o mulato esconde-se também, mas da gente da sua terra. Leva para ali, para a sua ilhota do silêncio e da solidão, a confusão dos seus sentimentos. (p.10)

e chega até a sonhar que o insultam: “-Xilim! Xilim! Xilim! Você não é preto! Você não é branco! Você é Xilim! Xilim! Xilim!”

Já no “entendimento dos negros da mina do Marandal, João Xilim é o patricio que emigrou e aprendeu a ser diferente deles.” (pp.10-11) Ou em outra passagem: “Alguns dos negros sentem um certo rancor contra João Xilim. E fazem surdamente alusão à ignomínia da sua cor mestiça a que atribuem a possibilidade de todas as cobardias e traições.” (p.32) Ou mesmo quando Xilim sai do Marandal e segue a vida de marinheiro, conhece o negro Jaime que -- embora seu amigo e tendo em comum a origem desconhecida, pois sua mãe era prostituta no cais e ele não sabia quem era seu pai-- não deixa de emitir seus conceitos:

-- Tua mãe enganou teu pai com o branco da mina. Mas o branco era mesmo teu pai, anh?

E acompanhou as palavras de um olhar de troça que magoou o mulato. Até aquele amigo a quem confiara tão íntimas angústias, se ria da ignomínia da sua origem. (p.24)

Além do mais, o mestiço é apresentado em condições degradantes como o de um mulato gigolô que se valia de uma negra prostituta, a mãe de Jaime, o qual confessa a Xilim: “Minha mãe... arranjou um amante mulato que batia a ela e só mesmo vinha dormir em casa quando precisava de carço” (carço significa dinheiro.) (25) Outro mulato de mau exemplo é o mulato engajador que levava negros para trabalharem na África do Sul com muita promessa que jamais seria cumprida, quando Xilim tenta convencê-lo a não mais enganar os negros resulta este diálogo em que o engajador

Puxa duma pistola e aponta-a, firme.

--Agora quem manda aqui sou eu, sipaio. Se você não vai embora, eu descarrego.

João Xilim responde calmamente:

Eu não sou sipaio. Ninguém mandou aqui a mim. Os negros já têm vida ordinária e você anda só a enganar a eles. Deixa os homens ficar na terra deles, mulato!

— Mulato, einh?... E você que é então? Filho desse branco que anda a explorar os homens da sua terra... (p.30)

Essa discriminação denunciada em **Portagem** encontra voz ressoante também em determinadas personagens de **O Mulato** como em D.

Quitéria, acentuado exemplo da discriminação racial, por ela representar no romance um fator social importante no que se refere ao adultério, pois este sendo cometido por uma branca com outro branco resultava somente um problema moral enquanto que a seus olhos o fato do marido ter tido um filho mulato era repugnante, daí, ela maltratar a criança. Vê-se bem nesta colocação do autor como o enfoque social e o racial estão interligados. Segue um exemplo de D. Quitéria a admoestar o marido: "Seu negreiro! ... Você pensa que lhe deixarei criar, em minha companhia, os filhos que você tem das negras?" (p.37)

Esse fato social encontra eco em outra cena quando Ana Rosa aborta, eliminando assim, o autor, qualquer vestígio que pudesse ficar do sangue mestiço. O problema social teria sido mais trágico caso Ana Rosa tivesse tido aquele filhinho bem mais escuro entre os branquinhos que, posteriormente ela conceberia com o marido Dias. O seu filho seria mais uma vítima no meio deste clima preconceituoso, caso o autor não eliminasse essa criança antes de ela nascer, pois o círculo teria continuidade em outro Raimundo, ou outro Xilim.

Xilim representava aos olhos de Maria Helena um homem atraente que na infância servira como seu 'moleque' com a incumbência de satisfazê-la em todos os seus desejos na função de criado, procurando cumprir todas as determinações dela.

É curioso que em **Portagem** o mulato, então apaixonado pela irmã branca, vai procurar em uma mulher de sua cor--a linda e sensual mulata Luísa--a sua esposa com a qual posteriormente tem filhos. A princípio Luísa preocupada com o fato de querer manter a beleza de seu corpo, recusa-se à maternidade. Outro argumento apresentado por ela é que quanto mais filhos os pobres têm, mais pobres ainda ficam, o que demonstra uma filosofia de vida do africano quanto a um problema social. Essa mesma esposa a quem ele tanto se dedica, vai-lhe trazer a segunda grande traição de sua vida. Em certa época estando Xilim à procura de trabalho longe do Marandal, sua mulher o trai com um branco. Depois dessa e de outras traições de Luísa, Xilim acaba por perdoá-la e os dois ficam juntos a cuidarem de um filhinho deles.

O adultério de Luísa não é o único em **Portagem**, pois como já se enfocou a mãe de Xilim praticava o adultério: e seu marido, Uhulamo, aceitava a traição de Kati para que pudesse continuar a exercer a posição de feitor da mina de propriedade do rival, o branco patrão Campos.

Também a sensual mulata Beatriz atraiçoa o pacato e trabalhador companheiro, Juza, dono de uma estacaria de pesca, ou seja de uma Gamboa. Esse adultério resulta em trágica morte dos dois companheiros, pois Juza --ao contrário de Xilim-- não perdoa a mulher e, ao sentir-se

preterido, a mata em um naufrágio provocado por ele mesmo no barco que lhes pertencia; assim morrem os dois afogados.

Nos dois romances, **O Mulato** e **Portagem** a concorrência do mulato com o branco é apresentada como premiando o branco, pois no livro de Mendes, no mercado de peixe o concorrente maior de Xilim é o Coxo, com quem o traiu sua mulher, Luísa. Esse mesmo branco, Coxo, vai ser o responsável pela morte de Juza e Beatriz, já que ela era amante do branco (como Luísa também o fora). Também o homem branco sai-se vencedor ao receber de volta sua terra, expulsando Xilim e sua família de sua propriedade, no momento em que muitos negros são desalojados.

No romance de Aluísio Azevedo, na concorrência do amor de Ana Rosa, sai-se vencedor o branco, o caixeiro Dias, com quem ela, depois de preteri-lo em todo o desenrolar da narrativa, acaba por casar-se, tendo filhos e nem sequer mais se lembrando de Raimundo.

Conclui-se que os dois romances em estudo --**Portagem** e **O Mulato**-- enfatizam uma problemática sócio-racial, pois toda a discriminação resulta da distância que possa ocorrer entre brancos e negros de acordo com a escala de valores ditada pela sociedade de que são produtos.

NOTAS

1. Orlando Mendes, **Portagem**, São Paulo: Ática, 1981. As citações no decorrer deste artigo serão retiradas dessa edição.
2. Aluísio Azevedo, **O Mulato**, São Paulo: Ática, 1983. As citações mencionadas em parênteses referem-se a essa edição.
3. Este exemplo não foi o primeiro na literatura brasileira, pois já alguns autores do século passado no Brasil ao pintarem suas personagens negras disfarçavam sua origem; como exemplo deste enfoque no Romantismo, pode-se citar Castro Alves que em sua poesia descreve suas heroínas com cabelos crespos e não encarapinhados. Daí o entender-se o porquê de Aluísio Azevedo escrever seu protagonista com "grandes olhos azuis, que puxara do pai. Cabelos muito pretos, lustros e crespos."
4. Isso ocorre por exemplo em **Famintos** do escritor caboverdiano Luís Romano, o qual cria a personagem de um feitor mulato a maltratar os seus patrícios que estavam sob seu domínio; o feitor ajusta-se ao comportamento do branco.